

## Pesquisa Qualitativa em Educação e o uso de entrevistas semiestruturadas

*Qualitative Research in Education  
and the use of semi-structured interviews*

**Andressa Lima da Silva<sup>1</sup>**  
**Josemir Almeida Barros<sup>2</sup>**

**Resumo:** O referido artigo tem como objetivo identificar e analisar o uso de Entrevistas Semiestruturadas na Pesquisa Qualitativa em Educação, os limites e possibilidades na elaboração e aplicação de roteiros de Entrevistas Semiestruturadas. Entre os questionamentos destacam-se: quais as principais características das entrevistas semiestruturada aplicadas à Educação? Quais os desafios e possibilidades encontradas por pesquisadores na elaboração de roteiros e aplicações de Entrevistas Semiestruturadas em pesquisas qualitativas? Os procedimentos metodológicos contaram com fontes bibliográficas para melhor compreensão de conceitos, características e etapas da Entrevista Semiestruturada, que constitui técnica metodológica de grande alcance, e pode ser congregada com a observação direta e notas de campo. A coleta de narrativas orais é relevante e contribui para historiar a educação em períodos ou lugares em que havia ou há sobretudo fontes oficiais, ou seja, documentos escritos emitidos pelo poder público. Deste modo, as narrativas podem apresentar parte de uma história que foi renegada oficialmente, mas que compõem parte das memórias sobre instalação e funcionamento de escolas rurais no contexto amazônico de Rondônia.

**Palavras-chave:** Narrativas; História Oral; Entrevista Semiestruturada.

**Abstract:** This article aims to identify and analyze the use of semi-structured Interviews in qualitative research in Education, the limits and possibilities in the preparation and application of semi-structured Interview scripts. Among the questions, the following stand out: what are the main characteristics of semi-structured interviews applied to Education? What are the challenges and possibilities encountered by researchers when developing scripts and applications of Semi-structured Interviews in qualitative research? The methodological procedures relied on bibliographic sources to better understand the concepts, characteristics and stages of the semi-structured Interview, which constitutes

1. [andressa.lima.silva.2021@gmail.com](mailto:andressa.lima.silva.2021@gmail.com). Doutoranda e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar. Integrante do Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Educação e Infância - EDUCA.

2. [josemirbh@gmail.com](mailto:josemirbh@gmail.com). Professor, Pesquisador e Extensionista da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Atua nos Programas de Pós-Graduação em Educação Escolar, Mestrado e Doutorado Profissional (PPGEEProf) e Mestrado Acadêmico em Educação (PPGE), Campus Porto Velho, Rondônia, Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2687-6575>.

a far-reaching methodological technique, and can be combined with direct observation and field notes. The collection of oral narratives is relevant and contributes to the history of education in periods or places where there were or are mainly official sources, that is, written documents issued by public authorities. In this way, the narratives can present part of a story that was officially denied, but that make up part of the memories about the installation and operation of rural schools in the Amazonian context of Rondônia.

**Keywords:** Narratives; Oral History; Semi-structured Interview.

## Introdução

A pesquisa, comparada metaforicamente a uma viagem (Barros, 2005; Silva, 2019), tem na metodologia a bagagem essencial que carrega as ferramentas e técnicas de investigação. Nessa jornada, a sensibilidade do pesquisador se entrelaça com as pessoas e contextos, evidenciando a importância dos encontros e interações na construção do conhecimento. A abertura para se aventurar em novos caminhos representa a flexibilidade e as peculiaridades do processo investigativo, enquanto as novidades encontradas conferem autenticidade aos achados da pesquisa.

Em outras palavras, a metodologia, como define Barros (2005, p. 81), remete “a uma determinada maneira de trabalhar algo, de eleger ou constituir materiais, de extrair algo destes materiais, de se movimentar sistematicamente em torno do tema definido pelo pesquisador”. Trata-se, portanto, de um “modo de fazer” que orienta o pesquisador em sua busca por respostas.

É de grande importância, registro da experiência do fazer investigativo a partir do artesanato intelectual de Mils (2009) que destaca a importância dos registros das experiências junto a pesquisa, assim, os apontamentos dos desafios e possibilidades da elaboração de roteiros de Entrevistas Semiestruturadas.

Este artigo, recorte de uma pesquisa de doutoramento (2019-2024), objetivou, identificar e analisar o uso de entrevistas na Pesquisa Qualitativa em Educação, os limites e possibilidades na elaboração e aplicação de roteiros de Entrevistas Semiestruturadas. Neste sentido, questionamos: quais as principais características das entrevistas semiestruturada aplicadas à Pesquisa Qualitativa em Educação? Quais os desafios e possibilidades da elaboração e aplicação de Entrevistas Semiestruturadas? A pesquisa, de natureza qualitativa, combinou pesquisa bibliográfica e de campo.

A pesquisa bibliográfica voltou-se para a compreensão da Pesquisa Qualitativa em Educação, das características, etapas e conceitos da Entrevista Semiestruturada na Pesquisa Qualitativa em Educação a partir de autores como Bauer, Gaskell (2015), Flick (2009), Freitas, Jobim e Kramer (2007) e Gil (2007).

Na Pesquisa de Campo (Bogdan; Biklen, 1994, p. 113), o viés metodológico contou com registros do experienciar da pesquisa qualitativa, desde a construção de roteiro

à aplicação de Entrevistas Semiestruturadas realizada em escolas rurais amazônicas. Partilhamos dados e materiais imagéticos sistematizados a partir do *software* Maxqda<sup>1</sup>, fato que permitiu melhores cruzamentos e análise dos materiais e dados recolhidos na Pesquisa de Campo. Destacamos que a coleta de dados de campo ocorreu em duas etapas, uma por meio de plataforma *on-line* (por causa do contexto pandêmico da COVID-19<sup>2</sup>) e a outra, presencialmente, no interior das seis escolas rurais.

A investigação foi realizada em sete escolas rurais, localizadas na Amazônia Rondoniense, cidade de Ariquemes. Com pluralidade de participantes, na condição de atores do processo investigativo, ao todo, 54 pessoas divididas em cinco grupos distintos, todos com algum vínculo com as escolas rurais: crianças matriculadas na Educação Infantil Rural; pais ou responsáveis de crianças devidamente matriculadas na Educação Infantil Rural; docentes que atuam em escolas rurais; gestores/coordenadores das escolas rurais; monitoras e motoristas do transporte escolar; gestores da Secretaria de Educação do Município de Ariquemes.

As entrevistas, como técnica de pesquisa, aproximam-se da História Oral, permitindo o estudo de acontecimentos, instituições e grupos sociais a partir dos relatos de seus participantes (Alberti, 2013). As narrativas, entre palavras e silêncios, constroem a memória coletiva e revelam a história de um povo (Delgado, 2003). A História da Educação, em sua busca por conhecimento, utiliza diversas fontes, como fotografias, filmes, entrevistas e documentos (Barros; Ferreira, 2020), valorizando a pluralidade de vozes e experiências, especialmente daqueles historicamente marginalizados (Barros; Ferreira, 2020).

As Entrevistas Semiestruturadas, como instrumento de Pesquisa Qualitativa em Educação, apresentam grande potencial para revelar a história a partir das vozes dos sujeitos que vivenciam o cotidiano escolar, como no caso das escolas rurais investigadas neste estudo. Neste artigo, debruçamo-nos sobre os conceitos fundamentais da Pesquisa Qualitativa em Educação, as características, etapas e conceitos da Entrevista Semiestruturada, e as etapas vivenciadas na Pesquisa de Campo, desde a construção do roteiro até a aplicação das entrevistas em um contexto de escolas rurais amazônicas, com participantes plurais em uma perspectiva dialógica.

## Pesquisa Qualitativa em Educação

A Pesquisa Qualitativa adentra o experienciar social, “esse tipo de pesquisa visa a abordar o mundo ‘lá fora’ e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais ‘de dentro’ [...]” (Gibbs, 2009, p. 8). Neste sentido, busca analisar as experiências de indivíduos e grupos em práticas cotidianas. Adentra nas interações e comuni-

cações, baseado em observações e análise de materiais, investiga documentos, textos ou traços semelhantes de interações de experiências e interações.

Destacamos que “o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo. A realidade social é a cena e o seio do dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante” (Minayo, 2016, p. 13). Nesse sentido, a Pesquisa Qualitativa, na perspectiva das Ciências Sociais, preocupa-se com a sociedade e com a forma como as pessoas vivenciam o seu cotidiano, ou seja, a realidade vivenciada por grupos sociais diversos. “Na pesquisa social, estamos interessados na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros” (Bauer; Gaskell, 2015, p. 21). Em outras palavras, ela atende as particularidades, pois versa com o universo de significados atribuídos pelas pessoas em seu espaço de vida:

A Pesquisa Qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, dentro das Ciências Sociais, com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas também por pensar sobre a realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes (Minayo, 2016, p. 20).

O lançar-se no universo dos significados, no local onde as pessoas entregam-se para viver o seu cotidiano, é o cenário essencial para pesquisadores no âmbito da pesquisa qualitativa. Lançar-se na história das instituições, na produção dos registros oficiais e das circunstâncias em que foram produzidos, enfim, adentrar nos significados e contextos é um território fecundo:

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem. Quando os dados em causa são produzidos por sujeitos, como no caso de registros oficiais, os investigadores querem saber como e em que circunstâncias é que eles foram elaborados (Bogdan; Biklen, 1994, p. 48).

Mesmo porque, a Pesquisa Qualitativa tem seu desdobramento histórico na produção do conhecimento a partir da realidade vivenciada por pessoas nos mais diversos contextos sociais. Esta dinamicidade envolve discussões e pode empreender a promoção de mudanças políticas, sociais e institucionais, em diversos campos do conhecimento. Agrega possibilidades principalmente no campo educacional, dada a dinamicidade e o enriquecimento da Pesquisa Qualitativa ao ter a preocupação com os significados para a promoção de mudanças:

Adentrar o contexto histórico da Pesquisa Qualitativa é compreender algumas peculiaridades do seu processo de constituição e sua importância para a produção de conhecimentos a partir de lugares, tempos, culturas, cotidianos e vivências outras que oportunizam discutir e propor mudanças substanciais às problemáticas que inibem avanços no campo dos direitos sociais, e em específico, educacionais (Matias *et al.*, 2019, p. 7).

A pesquisa na abordagem qualitativa em educação tem infinitas possibilidades no contexto escolar, com o desafio de abarcar o universo plural e atentar-se às mazelas sociais de controle e fomento da desigualdade e das injustiças sociais. Sobre essa perspectiva, “a investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 16).

No campo da educação, a Pesquisa Qualitativa é relevante: seu processo remete a ouvir as pessoas que fazem parte das instituições escolares e que ali estão vivenciando na prática o “chão da escola”, ou seja, a realidade escolar, em nosso caso, a realidade da escola rural. Deste modo, “[...] os investigadores qualitativos que estudam a educação solicitavam a opinião daqueles que nunca eram valorizados ou representados” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 38).

De acordo com Bogdan; Biklen (1994, p. 49-50), a Pesquisa Qualitativa carrega algumas características específicas:

i) a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o pesquisador o instrumento principal; ii) a investigação qualitativa é descritiva, ou seja, os materiais recolhidos são variáveis e podem ser falas, imagens, entre outros, mas não necessariamente números; iii) pesquisadores qualitativos preocupam-se mais pelo processo e não unicamente pelos resultados; iv) o processo de análises ancora-se nos pressupostos da indução, ou seja, os dados captados em campo não são produzidos para confirmar ideias prévias, e por fim: v) importa-se com significado na abordagem da pesquisa.

Essas características nos auxiliam a vislumbrar os detalhes das pesquisas qualitativas, com o compromisso de verificar a fonte direta dos dados considerando o ambiente de vida das pessoas e do pesquisador, na condição de instrumento principal do fazer da pesquisa. Assim, a perspectiva descritiva versa com a diversidade de materiais e fontes de pesquisa. O caminho da pesquisa é visto como destaque especial e constitui a pesquisa a cada passo, com a importância de validar o processo e não apenas os resultados. Os dois últimos pontos importantes são referentes à pesquisa não enquanto teste para afirmar algo, mas como algo que segue constituindo-se e cujos significados são molas propulsoras em torno de todo o processo investigativo:

A pesquisa em educação aborda metodologias qualitativas e seus diversos exemplos, entre eles, a História Oral, a pesquisa participante,

a pesquisa-ação e a pesquisa documental. É por meio das diversas fontes que os investigadores da história da educação criam ‘imagens’ que permitem a reconstrução de parte do passado; alguns adotam as experiências ou indícios não verbais, outros recorrem às falas, mas em ambos os casos, é possível constituir o repertório de fontes (Barros; Ferreira, 2020, p. 16).

Pesquisas qualitativas versam com metodologias diversificadas e corroboram para problematizar a pesquisa em diversas realidades. Destacamos que “[...] os dados qualitativos são essencialmente significativos, mas, mais do que isso, mostram grande diversidade” (Gibbs, 2009, p. 17).

## **Perspectivas que antecedem as entrevistas: fontes, técnicas de coleta de dados, nuances da pesquisa de campo**

“Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam” (Boff, 1997, p. 9). Iniciamos a partir das intencionalidades para provocar a ideia de que os caminhos metodológicos incidem sobre as fontes e as técnicas de pesquisa. Assim também a trajetória, as vivências e a formação do pesquisador são intencionalidades presentes no fazer da pesquisa, somados ao acesso do campo de pesquisa e das fontes. Isso representa o abrir de portas no fazer investigativo: “Enfim, a construção do objeto depende, de um lado, da formação, da experiência, da criatividade e dos valores do pesquisador e de outro, da existência e do acesso às fontes” (Nosella; Buffa, 2013, p. 59).

Somam-se as fontes e técnicas de pesquisa à criatividade do pesquisador (Minayo, 2016, p. 18; Silva, 2019, p. 72), que, em todo o processo investigativo, se apresenta como fator imprescindível. Outro destaque a se fazer é relacionado ao papel ativo da pesquisadora e dos partícipes da pesquisa em todo o processo investigativo.

A constituição desse fazer da pesquisa incide sobre o intento constante do pesquisador em dedicar-se ao seu ofício de “artesão intelectual” (Mills, 2009, p. 13-14). Essa dedicação consiste na busca do aprimoramento através do conhecimento teórico, como bem evidencia Silva (2019, p. 72): “As técnicas devem ser bem elaboradas, contando com o conhecimento teórico do pesquisador que, em um investimento constante de aprendizagem, procura estudar atentamente as definições, técnicas e ações de uma pesquisa passo a passo”.

Ao falarmos das técnicas de pesquisa, falamos do modo de fazer, de como fazer e do desdobramento deste fazer empreendido na pesquisa. Nesse sentido, “as ‘técnicas’ podem se referir tanto à coleta de dados e à constituição de documentação como também às análises destes dados e destas fontes” (Barros, 2005, p. 17).

Sobre a perspectiva da pesquisa social, no âmbito da pesquisa qualitativa, subsidiada pela pesquisa ação, elegemos a combinação de técnicas de pesquisa para o desdobramento da investigação.

A Pesquisa de Campo é um momento importante da pesquisa, pois é o estreitar da relação do pesquisador no território habitual dos partícipes da pesquisa. Em outras palavras, a Pesquisa de Campo “lembra algo ligado à terra. [...] Trata-se de locais onde os sujeitos se entregam às suas tarefas quotidianas, sendo estes ambientes naturais por excelência, o objeto de estudo dos investigadores” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 113).

Adentrar no ambiente de vida das pessoas requer diálogo, paciência, alteridade e sensibilidade em cada momento do campo: “O interesse da Pesquisa de Campo está voltado para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade” (Lakatos, 2003, p. 189).

Em nosso caso, a pesquisa desemborcou no ambiente escolar, especificamente em seis escolas rurais de Ariquemes, no ônibus escolar, nos momentos de ida e vinda à escola vivenciados pelas crianças pequenas em idade pré-escolar. É nesses lugares, carregados de intencionalidades e de vivências, que se desdobrou a investigação:

O trabalho de campo refere-se ao estar dentro do mundo do sujeito [...] não como alguém que faz uma pequena paragem ao passar, mas como quem vai fazer uma visita; não como uma pessoa que sabe tudo, mas como alguém que quer aprender; não como uma pessoa que quer ser como o sujeito, mas como alguém que procura saber o que é ser como ele. (Bogdan; Biklen, 1994, p. 113).

O lugar de vida das pessoas é construído na comunicação com os sujeitos a partir de sua realidade e de seu mundo. A junção das intencionalidades é feita de modo que a entrada no campo de pesquisa possa culminar em partilhas. Há sensibilidade para escutar e querer saber as perspectivas dos sujeitos partícipes da pesquisa.

Nesta investigação, utilizamos a observação direta, *in loco* nas escolas rurais, acompanhando a rotina das crianças tanto na escola como no ônibus escolar nos trajetos sítio-escola, escola-sítio. Conforme destaca Luna (2002, p. 51), “a observação direta refere-se ao registro de uma dada situação/fenômeno enquanto ela/ele ocorre”.

Na Pesquisa Qualitativa em Educação, a observação é muito usual; é a oportunidade dada de aproximar-se dos participantes da pesquisa, de modo a acompanhar seus cotidianos, suas perspectivas e suas ações no ambiente de vida:

A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da ‘perspectiva dos sujeitos’, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de

... mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações (Ludke; André, 2013, p. 31).

A observação participante somada às demais técnicas de pesquisa fortalece o processo metodológico. A observação participante proporciona, para além da prática contada nas entrevistas, a prática *in loco*. De acordo com Flick (2009, p. 203), “[...] essas abordagens enfatizam o fato de que as práticas apenas podem ser acessadas por meio da observação, uma vez que as entrevistas e as narrativas somente tornam acessíveis os relatos das práticas e não as próprias práticas.”

A atenção enquanto pesquisador volta-se totalmente à observação, tendo, nesta técnica, características contundentes para pesquisa qualitativa. Todos os sentidos sintonizam-se em prol desta técnica: “Observações envolvem praticamente todos os sentidos – visão, audição, percepção, olfato” (Flick, 2009, p. 204).

O pesquisador torna-se parte da realidade pesquisada e suas intencionalidades aparecem. A observação promove o encontro com a interlocução, sendo assim, “mais do que participante, esta observação é caracterizada pela dimensão alteritária: o pesquisador, ao participar do evento observado, constitui-se parte dele, mas ao mesmo tempo mantém uma posição exotópica que lhe possibilita o encontro com o outro” (Freitas; Jobim; Kramer, 2007, p. 32):

Quanto ao conteúdo das observações, a coleta de dados envolve uma parte descritiva e outra reflexiva. Em relação à parte descritiva, o registro detalhado que ocorre no campo é compreendido pela descrição dos sujeitos, locais, eventos especiais e atividades, a reconstrução de diálogos e o comportamento do observador. A parte reflexiva inclui as observações pessoais, especulações, sentimentos, decepções, que se manifestam de várias maneiras, por meio de reflexões analíticas e metodológicas, dilemas éticos e conflitos, mudanças de perspectiva do observador e outros esclarecimentos necessários (Ana; Lemos, 2018, p. 6).

Flick (2009) evidencia a importância de as técnicas de pesquisa congregarem força como elementos que se completam. As impressões, as sensações, os sentimentos, as animações e as decepções também fazem parte dos conteúdos advindos das observações. Nesse sentido, o caderno de campo resulta nos escritos das notas de campo tomadas pelo pesquisador durante a observação, que faz parte de todo o processo investigativo.

Também como pressuposto carregado de possibilidades, na referente pesquisa, as atribuições do diário de campo são explorações essenciais ao fazer investigativo, elucidando pontos muitas vezes não explicitados, mas que recebem entornos importantes na pesquisa. Isso “ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como o plano de investigação foi afetado pelos dados

recolhidos, e a tornar-se consciente de como ele ou ela foi influenciada pelos dados” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 151).

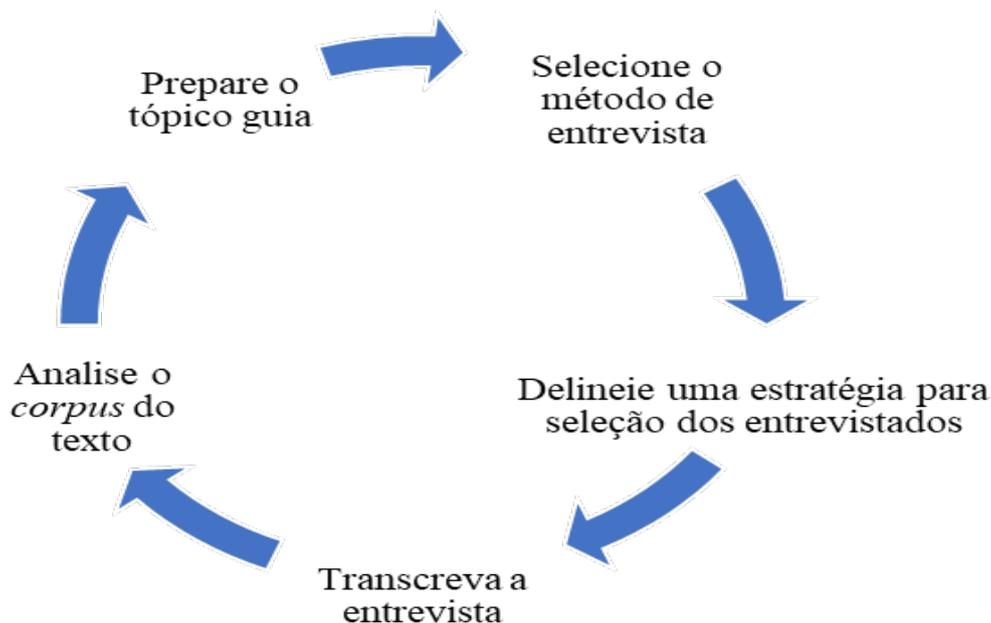
A organização desses registros mobiliza ricos detalhes da investigação e muito contribui para o enriquecimento do processo da pesquisa, uma vez que capta tanto os olhares dos partícipes como também o olhar que incide sob a ótica do(a) pesquisador(a) e de como vivencia o processo da pesquisa.

## Entrevistas Semiestruturadas

Nesta pesquisa, trabalhamos com Entrevistas Semiestruturadas, que se trata de perguntas organizadas em tópicos a partir de um roteiro ou guia, no entanto, sem se fechar para a interação entre a pesquisadora e os partícipes da pesquisa. Ou seja, utiliza-se o guia de entrevista “[...] e ao mesmo tempo [deve-se] estar aberto ao modo particular do entrevistado de falar sobre esses tópicos e outros que ele considera relevantes” (Flick, 2009, p. 1448).

Conforme Bauer; Gaskell (2015, p. 74), “o processo de pesquisa é circular e reflexivo”, organizado conforme a figura abaixo, de modo que se prepara o tópico guia, seleciona-se o método de entrevista, delinea-se a estratégia para seleção dos entrevistados, transcreve-se as entrevistas e analisa-se o *corpus*.

**Figura 1:** A pesquisa enquanto um processo circular e reflexivo



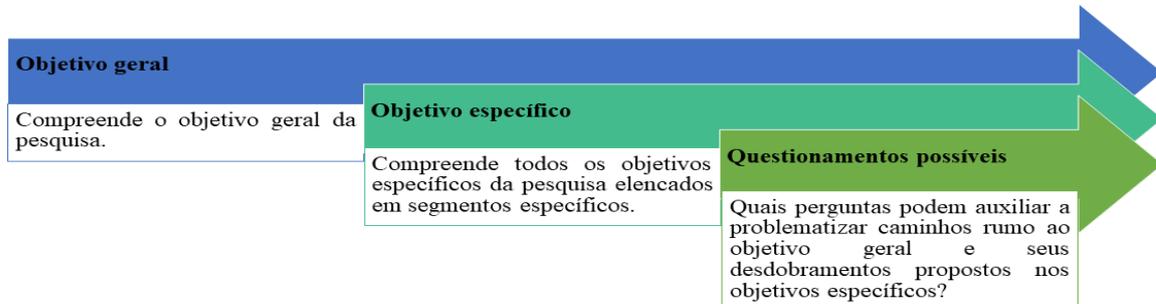
*Fonte:* Elaborado pela pesquisadora a partir de dados bibliográficos.

O trabalho de pesquisa requer um caminho a ser trilhado para atingir os objetivos. Deste modo, falar sobre roteiro de pesquisa é algo essencial. A construção de

roteiros de Entrevistas Semiestruturadas nos evidenciou uma série de detalhes e problematizações a respeito do tópico guia, conforme asseverou Gaskel (2015).

A figura a seguir demonstra parte do trabalho realizado para construção das perguntas ou indagações que compuseram o guia de entrevistas.

**Figura 2:** Mapa mental de roteiros a partir dos objetivos da pesquisa



*Fonte:* Elaborado pela pesquisadora a partir de dados bibliográficos.

Destacamos que, entre os grupos de entrevistados, as crianças compuseram parte significativa. Fazer perguntas para crianças corresponde a querer saber o que elas têm a dizer a partir de perguntas simples que se apresentem como um convite para falar do seu cotidiano, de como veem o seu dia a dia, perguntar dos lugares que mais gostam nos caminhos das escolas, perguntar do que gostam de brincar na escola, enfim, querer saber das crianças quais são suas preferências e como percebem e se percebem em meio as suas vivências:

Ao invés de fazer perguntas como: ‘como as crianças devem se comportar aqui?’ Faria perguntas assim: ‘de onde as crianças chegam à sala de aula e para onde elas vão?’. ‘O que estes lugares são e representam para elas?’ ‘Como elas sentem e qualificam os seus lugares da vida de todos os dias, como lugares bons e ruins, como locais de amizade de conflito, de paz e de violência?’. ‘Como os lugares da escola e da sala de aulas são representados, dentro deste todo e na comparação com os outros lugares da vida?’ (Brandão, 2015, p. 121).

Não apenas com as crianças, mas com todos os participantes, é importante ressaltar, a partir de Flick (2009, p. 162), que a “utilização de linguagem cotidiana em vez de conceitos científicos nas perguntas” auxilia o processo investigativo. Estamos diante de públicos diversos e a simplicidade do que se fala e de como se fala torna possível o diálogo aberto e claro, com perguntas encontradas com a realidade e o cotidiano dos partícipes da pesquisa.

Outro ponto importante foi a realização do pré-teste, ou seja, a aplicação preliminar do roteiro de entrevista a pessoas que se aproximem da realidade dos partícipes da pesquisa, no caso, fizemos o pré-teste com uma colega professora de educação infantil e com uma colega monitora. As crianças que participaram das Entrevistas Semiestruturadas são pequenas, em média com quatro, cinco e seis anos de idade. Desse modo, realizamos o pré-teste com minha filha, que tem a mesma idade das crianças entrevistadas. Foi interessante perceber o quanto algumas perguntas, elaboradas por nós adultos, tornaram-se mais simples e com grande alcance junto às crianças após as adequações do pré-teste.

A submissão dos roteiros de entrevista ao pré-teste, ou seja, a aplicação preliminar do roteiro, nos auxiliou enquanto pesquisadores a verificar se as perguntas que faziam parte do roteiro de entrevista estavam de acordo com os objetivos propostos na pesquisa, se estavam claras e se eram de fácil compreensão, mesmo porque alguns detalhes nem sempre são vistos por quem elaborou as perguntas.

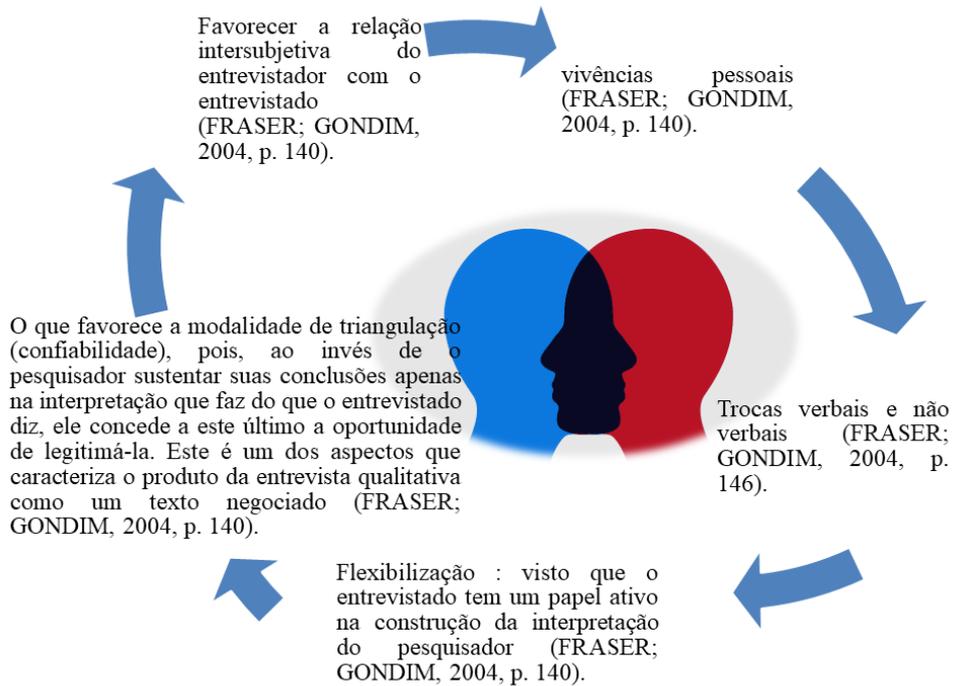
Ao submetermos o roteiro de entrevista ao olhar do outro, abrimos a possibilidade de enriquecimento das perguntas, assim como notamos as divergências que outrora nos fazem pensar de forma crítica e nos auxiliam, quando necessário, nas edições e reformulações de perguntas do instrumento de pesquisa. Desse modo, ao realizarmos o pré-teste, verificamos a viabilização do instrumento de pesquisa para que a fase de levantamento de dados pudesse ocorrer. Sendo assim, “A função do pré-teste é garantir que o pesquisador mensure, de forma mais assertiva, o que busca analisar” (Martins, 2022, s/p).

Quando o cumprimento das etapas de pesquisa ocorre a contento (elaboração das perguntas a partir dos objetivos, submissão do roteiro de entrevista ao pré-teste), temos na Entrevista Semiestruturada muitas possibilidades.

A entrevista com roteiros semiestruturados apresenta-se como uma rica possibilidade no campo investigativo no âmbito na Pesquisa Qualitativa em Educação, pois nos permite estreitar as relações, interações e partilha com pessoas e grupos colaboradores.

Evidenciamos essas relações, interações e partilhas a partir da figura a seguir, que, ao centro, tem uma imagem representando o encontro que ocorre durante uma entrevista; em torno da imagem central, entre setas, vemos um movimento circular, representando as possibilidades de partilhas em Entrevistas Semiestruturadas a partir de cinco pontos importantes: flexibilização, confiabilidade, relações intersubjetivas, vivências e trocas (Fraser; Gondim, 2004, p. 140-141).

**Figura 3:** Mapa mental sobre as entrevistas e suas interrelações



**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora a partir de dados bibliográficos referendados em Fraser; Gondim (2014, p. 140-141).

A flexibilização é referente ao papel ativo do entrevistado na construção da interpretação do pesquisador, o que vai refletir no próximo item relacionado à confiabilidade. Em vez de o pesquisador chegar em conclusões sozinho, a partir de suas interpretações referentes ao que o entrevistado diz, ele perpassa esta linha para tornar possível o encontro. Este movimento oportuniza ao entrevistado legitimar o que diz e ser ativo durante todo o processo.

Essas características nos auxiliam a vislumbrar os frutos da entrevista como um texto negociado, ou seja, advindo das relações estabelecidas durante a entrevista; é o ato de ser ouvido e de ouvir, de ter a liberdade de organizar as ideias. A negociação da entrevista nos permite esclarecer pontos, ouvir o outro de modo claro, o que culmina no favorecimento das relações intersubjetivas entre o entrevistador e o entrevistado, dentro de suas subjetividades enquanto sujeitos humanos individuais que se relacionam.

Essas vivências se interrelacionam e são ditas em formas verbais e não verbais; a primeira é relacionada ao que é dito com palavras; a segunda é relacionada aos silêncios, às pausas, aos risos, à emoção, ao não dito com palavras, mas, manifestado por gestos. Tudo isso evidencia a força e a magnitude das trocas na entrevista.

A partir da elaboração do instrumento de coleta de dados, procedeu-se a coleta. Este momento significou a efetividade das trocas e partilhas na pesquisa com os diversos partícipes. Foi impressionante como a relação estabelecida nas entrevistas ia crescendo a cada pergunta, pois os participantes ficavam mais à vontade. Após algumas

perguntas, os participantes já passavam a me chamar pelo nome. Como um bom diálogo, as trocas e partilhas tornam-se elementos importantes dessa relação estabelecidas no campo de pesquisa.

No âmbito da pesquisa qualitativa, a entrevista é um tanto usual. Por ser rica nas possibilidades de interação no processo investigativo, possibilita a criação de uma relação “baseada em comunicações verbais e não verbais” (Flick, 2009, p. 240). Toda pesquisa com entrevistas é um processo social, ou talvez um empreendimento significado pela cooperação. Nestes termos, a palavra é reafirmada como a principal forma de troca, mesmo porque “[...] A entrevista é uma tarefa comum, uma partilha e uma negociação de realidade” (Bauer; Gaskell, 2015, p. 74). Constitui-se em Entrevista Semiestruturada, ou seja, organizada a partir de um roteiro, porém com aberturas flexíveis tal qual uma partilha propõe.

As possibilidades da entrevista *on-line* podem ser ajustadas à Pesquisa Qualitativa e alcançar resultados significativos em prol da relação latente que ainda pode existir entre o pesquisador e os participantes, organizada conforme destacado por Flick (2009, p. 241, grifo do autor): “Em uma forma síncrona, que significa que o pesquisador entre em uma sala de bate-papo (*chat*), na qual pode trocar diretamente perguntas e respostas enquanto ambos estão *on-line* ao mesmo tempo. Isso fica muito próximo da troca verbal em uma entrevista cara a cara”.

A entrevista *on-line* pode apresentar-se também de forma assíncrona, não sendo necessário que pesquisador e participante estejam *on-line* ao mesmo tempo. Nesse caso, para que a entrevista fique interativa, é possível que as perguntas sejam dinamizadas “em uma série de trocas de e-mail” (Flick, 2009, p. 241).

As entrevistas podem também ser consideradas na condição de importante técnica que se aproxima da História Oral, que “trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam” (Alberti, 2013, p. 24). As narrativas fazem-se presentes, entre as palavras e o silêncio, ações verbais e não verbais vão elucidando a história que parte de uma particularidade para o todo. Assim, forma-se a memória coletiva e aviva-se as narrativas de pessoas que, em seu cotidiano, entre memórias, constroem a história de um povo: “Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico” (Delgado, 2003, p. 19):

Além das letras ou escritas de fontes, o campo da História da Educação, longe de uma proposta arbitrária e opressiva, se utiliza de diversos materiais para a produção de conhecimento, tudo isso a partir da diversidade de fontes que produz ou analisa, a exemplo de fotografias,

filmes, discos, mobiliário, entrevistas e documentação textual além de outras (Barros; Ferreira, 2020, p. 9).

Algo que também agrega grande valor no trabalho com a História Oral é o fato de evidenciar “a necessidade de trazer à frente, de tornar protagonistas aquelas e aqueles que historicamente ocuparam lugar marginalizado no âmbito das políticas públicas educacionais; deve-se ser ressaltado, principalmente, ao utilizarmos a História Oral” (Barros; Ferreira, 2020, p. 13). As variações de fontes são riquezas da trajetória investigativa e, trianguladas, oferecem uma gama de possibilidades.

## Algumas partilhas do fazer da pesquisa

Foram entrevistadas 54 pessoas com algum vínculo nas escolas rurais de Arique-  
mes, entre essas havia: i) crianças: 24; ii) pais ou responsáveis: 05; iii) docente: 06; iv) gestores/coordenadores: 06; v) técnicos do transporte: 08 monitoras e 02 motoristas e vi) administração pública: 03.

O quadro abaixo, dividido por grupo, traz informações referentes a nome, sexo, idade, data de nascimento e escola de vínculo dos partícipes.

**Quadro 1:** Participantes da pesquisa

Crianças				
Participantes	Sexo	Idade	Nascimento	Escola EMEIEF de referência
Criança 1	Masculino	5	01/05/2016	Arco-Íris
Criança 2	Masculino	4	12/01/2022	Arco-Íris
Criança 3	Feminino	5	25/02/2017	Arco-Íris
Criança 4	Feminino	4	22/12/2017	Arco-Íris
Criança 5	Masculino	5	09/02/2017	Arco-Íris
Criança 6	Masculino	4	29/07/2017	Paulina Mafini
Criança 7	Feminino	4	28/09/2017	Paulina Mafini
Criança 8	Feminino	5	10/04/2017	Paulina Mafini
Criança 9	Feminino	5	02/03/2017	Mafalda Rodrigues
Criança 10	Masculino	4	17/08/2017	Mafalda Rodrigues
Criança 11	Feminino	6	09/04/2016	Mafalda Rodrigues
Criança 12	Masculino	5	05/11/2016	Mafalda Rodrigues
Criança 13	Feminino	5	25/02/2017	Jorge Luiz Moulaz
Criança 14	Masculino	4	16/07/2017	Jorge Luiz Moulaz
Criança 15	Masculino	6	05/05/2016	Jorge Luiz Moulaz
Criança 16	Masculino	5	10/10/2016	Jorge Luiz Moulaz
Criança 17	Masculino	4	07/08/2017	Jorge Luiz Moulaz
Criança 18	Feminino	5	21/03/2017	Henrique Dias
Criança 19	Feminino	5	31/08/2017	Henrique Dias
Criança 20	Feminino	5	09/03/2017	Henrique Dias

<b>Crianças</b>				
<b>Participantes</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Nascimento</b>	<b>Escola EMEIEF de referência</b>
Criança 21	Feminino	5	04/07/2017	Henrique Dias
Criança 22	Masculino	6	14/10/2016	Henrique Dias
Criança 23	Feminino	4	23/10/2017	Henrique Dias
Criança 24	Feminino	6	20/03/2016	Vinicius de Moraes
<b>Pais/Responsável</b>				
<b>Participantes</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>		<b>Escola EMEIEF de referência</b>
Responsável 1	Feminino	25	14/04/1997	Jorge Luiz Moulaz
Responsável 2	Feminino	25	17/09/1996	Jorge Luiz Moulaz
Responsável 3	Feminino	30	09/08/1991	Paulina Mafini
Responsável 4	Masculino	34	11/11/1987	Paulina Mafini
Responsável 5	Feminino	36	08/11/1985	Paulina Mafini
<b>Docente</b>				
<b>Participantes</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Nascimento</b>	<b>Escola EMEIEF de referência</b>
Professora 1	Feminino	40	23/06/1981	Jorge Luiz Moulaz
Professora 2	Feminino	51	10/12/1971	Arco-Íris
Professora 3	Feminino	53	08/05/1969	Mafalda Rodrigues
Professora 4	Feminino	44	24/12/1977	Vinicius de Moraes
Professora 5	Feminino	40	21/11/1981	Henrique Dias
<b>Professora 6</b>	<b>Feminino</b>	<b>45</b>	<b>12/04/1977</b>	<b>Paulina Mafini</b>
<b>Gestores escolares (direção e coordenação)</b>				
<b>Participantes</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Nascimento</b>	<b>Escola EMEIEF de referência</b>
Diretora	Feminino	43	02/07/1979	Mafalda Rodrigues
Diretor 1	Masculino	55	13/02/1967	Arco-Íris
Diretor 2	Masculino	41	30/10/1980	Paulina Mafini
Diretor 3	Masculino	46	16/01/1976	Henrique Dias
Coordenadora 1	Feminino	51	16/10/1970	Jorge Luiz Moulaz
Coordenadora 2	Feminino	52	26/11/1969	Paulina Mafini
<b>Técnicos do transporte</b>				
<b>Nome</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Nascimento</b>	<b>Escola EMEIEF de referência</b>
<b>Monitoras</b>				
Monitora 1	Feminino	38	17/12/1983	Mafalda Rodrigues
Monitora 2	Feminino	40	09/04/1982	Mafalda Rodrigues
Monitora 3	Feminino	45	28/02/1977	Jorge Luiz Moulaz
Monitora 4	Feminino	32	05/05/1981	Paulina Mafini
Monitora 5	Feminino	59	30/04/1963	Paulina Mafini
Monitora 6	Feminino	22	21/01/2000	Henrique Dias
Monitora 7	Feminino	46	28/07/1974	Arco-Íris
Monitora 8	Feminino	56	10/05/1966	Paulina Mafini
<b>Motorista</b>				

Crianças				
Participantes	Sexo	Idade	Nascimento	Escola EMEIEF de referência
Motorista 1	Masculino	42	12/11/1979	Paulina Mafini
Motorista 2	Masculino	44	30/03/1978	Paulina Mafini
Gestores da Secretaria Municipal da Educação (SEMED)				
Participantes	Sexo	Idade	Nascimento	Escola EMEIEF de referência
SEMED 1	Feminino	39	04/10/1982	SEMED
SEMED 2	Feminino	38	06/02/1984	SEMED
SEMED 3	Masculino	42	09/02/1980	SEMED

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora com recursos do software Maxqda a partir dos dados de campo coletados.

As crianças representam o maior grupo de entrevistados e estão divididas em 11 meninos e 13 meninas. Referente à idade, foram oito crianças de quatro anos, 12 crianças de cinco anos e quatro crianças de seis anos. Os demais grupos totalizam 23 mulheres e sete homens, entre 25 e 59 anos.

Na pesquisa, foram realizadas entrevistas presenciais e *on-line*, esta última em ambiente virtual, através do *Microsoft Teams*<sup>3</sup>. Foram realizadas 15 entrevistas *on-line* e 39 entrevistas presenciais. A maioria das entrevistas foi em formato de vídeo, o que totalizou 49 entrevistas e apenas cinco foram em áudio. As entrevistas foram realizadas entre abril e junho de 2022.

O local de realização das entrevistas foi a escola, o ambiente virtual e a casa dos entrevistados, de acordo com a preferência deles. Na escola, foram realizadas 37 entrevistas; no ambiente virtual, foram 15 entrevistas e na casa do partícipe foram duas entrevistas. Dados dispostos conforme quadro a seguir.

**Quadro 2:** Características das Entrevistas Semiestruturadas

Participes	Forma	Formato	Data de realização	Tempo (minutos)	Local
(Criança 1).	Presencial	Vídeo	18/04/2022	12	Escola
(Criança 2).	Presencial	Vídeo	07/06/2022	12	Escola
(Criança 3).	Presencial	Vídeo	14/06/2022	13	Escola
(Criança 4).	Presencial	Vídeo	18/04/2022	12	Escola
(Criança 5).	Presencial	Vídeo	19/04/2022	12	Escola
(Criança 6).	<i>On-line</i>	Vídeo	19/04/2022	13	Ambiente virtual
(Criança 7).	<i>On-line</i>	Áudio	20/04/2022	12	Ambiente virtual
(Criança 8).	Presencial	Vídeo	20/04/2022	6	Escola
(Criança 9).	Presencial	Vídeo	18/04/2022	12	Escola
(Criança 10).	Presencial	Vídeo	20/05/2022	12	Escola
(Criança 11).	Presencial	Vídeo	20/04/2022	12	Escola
(Criança 12).	Presencial	Vídeo	20/04/2022	11	Escola
(Criança 13).	Presencial	Vídeo	19/04/2022	12	Escola

Participes	Forma	Formato	Data de realização	Tempo (minutos)	Local
(Criança 14).	Presencial	Vídeo	19/04/2022	12	Escola
(Criança 15).	Presencial	Vídeo	19/04/2022	12	Escola
(Criança 16).	Presencial	Vídeo	20/04/2022	10	Escola
(Criança 17).	Presencial	Vídeo	20/04/2022	7	Escola
(Criança 18).	Presencial	Vídeo	14/10/2022	5	Escola
(Criança 19).	Presencial	Vídeo	07/10/2022	4	Escola
(Criança 20).	Presencial	Vídeo	07/10/2022	7	Escola
(Criança 21).	Presencial	Vídeo	14/10/2022	6	Escola
(Criança 22).	Presencial	Vídeo	14/10/2022	5	Escola
(Criança 23).	Presencial	Vídeo	14/10/2022	7	Escola
(Criança 24).	Presencial	Vídeo	13/10/2022	9	Escola
(Responsável 1).	Presencial	Vídeo	19/04/2022	12	Escola
(Responsável 2).	Presencial	Vídeo	19/04/2022	12	Escola
(Responsável 3).	<i>On-line</i>	Vídeo	07/06/2022	31	Ambiente virtual
(Responsável 4).	<i>On-line</i>	Vídeo	20/06/2022	20	Ambiente virtual
(Responsável 5).	<i>On-line</i>	Áudio	09/07/2022	21	Ambiente virtual
(Monitora 1).	Presencial	Vídeo	19/04/2022	12	Escola
(Monitora 2).	Presencial	Vídeo	12/04/2022	18	Escola
(Monitora 3).	Presencial	Vídeo	19/04/2022	17	Escola
(Monitora 4).	Presencial	Vídeo	18/04/2022	12	Escola
(Monitora 5).	Presencial	Vídeo	18/04/2022	13	Escola
(Monitora 6).	Presencial	Áudio	14/10/2022	18	Escola
(Monitora 7).	Presencial	Vídeo	18/04/2022	18	Escola
(Monitora 8).	Presencial	Áudio	18/04/2022	17	Escola
(Motorista 1).	Presencial	Vídeo	18/04/2022	12	Escola
(Motorista 2).	Presencial	Vídeo	18/04/2022	14	Escola
(Professora 1).	Presencial	Vídeo	26/04/2022	60	Casa
(Professora 2).	Presencial	Vídeo	21/04/2022	51	Casa
(Professora 3).	<i>On-line</i>	Vídeo	09/05/2022	47	Ambiente virtual
(Professora 4).	<i>On-line</i>	Vídeo	16/06/2022	60	Ambiente virtual
(Professora 5).	<i>On-line</i>	Vídeo	20/06/2022	59	Ambiente virtual
(Professora 6).	Presencial	Áudio	11/10/2022	50	Escola
(Diretora).	Presencial	Vídeo	12/04/2022	32	Escola
(Diretor 1).	<i>On-line</i>	Vídeo	17/05/2022	60	Ambiente virtual
(Diretor 2).	<i>On-line</i>	Vídeo	17/05/2022	60	Ambiente virtual
(Diretor 3).	<i>On-line</i>	Vídeo	09/06/2022	47	Ambiente virtual
(Coordenadora 1).	Presencial	Vídeo	19/04/2022	45	Ambiente virtual
(Coordenadora 2).	<i>On-line</i>	Vídeo	19/10/2022	53	Ambiente virtual
(SEMED 1).	<i>On-line</i>	Vídeo	02/05/2022	30	Ambiente virtual
(SEMED 2).	<i>On-line</i>	Vídeo	02/05/2022	32	Ambiente virtual
(SEMED 3).	<i>On-line</i>	Vídeo	01/06/2022	51	Ambiente virtual

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora com recursos do software Maxqda a partir dos dados de campo coletados.

Na etapa de “preparação de dados” (Gibbs, 2009, p. 26), enfatizamos que tanto as entrevistas como as notas de campo foram todas transcritas. Geralmente, os pesquisadores qualitativos transcrevem suas gravações e observações em notas de campo, o que auxilia a produção de cópia digitada clara sobre o que dizem os participantes na pesquisa (Gibbs, 2009).

O processo de transcrição nos exigiu tempo e atenção. Para as entrevistas de adultos na pesquisa, utilizamos uma ferramenta do *software* Microsoft Teams, que reconhece a voz e transcreve o que está sendo dito na entrevista. Nas entrevistas das crianças, nós mesmos transcrevemos as falas através da digitação.

Nos dois processos de transcrição, retornamos aos vídeos e áudios das entrevistas para conferir linha a linha as transcrições e fomos corrigindo erros de digitação e ortográficos. Independente da forma como a transcrição é realizada, se com auxílios tecnológicos ou com digitação humana, a transcrição deverá ser conferida com o áudio original (Gibbs, 2009).

Segundo Gibbs (2009), a estimativa de tempo de transcrição varia entre autores e depende do detalhamento; no geral, a transcrição costuma levar de quatro a seis vezes o tempo do áudio (Gibbs, 2009). Consideramos que as transcrições realizadas com o apoio do *Microsoft Teams* diminuem este tempo em 50%. Por exemplo, se com uma entrevista de 20 minutos, gastaríamos uma hora e 20 minutos para transcrever, com o *software*, levamos 40 minutos, isto voltando à fonte da entrevista e conferindo linha a linha.

Devido ao alto número de entrevistas realizadas nesta pesquisa, foi preciso tempo e cautela para transcrição dos dados. Dentre as entrevistas, a com menos tempo foi de seis minutos e as de maiores tempos tinham sessenta minutos. Nas entrevistas, foi utilizada a identificação de acordo com os grupos dos quais os entrevistados fazem parte e a numeração, deu-se da seguinte forma nas narrativas: a identificação do grupo, seguido da numeração, por exemplo “Criança 1”. Assim fizemos com todos os participantes da pesquisa.

As legislações foram acessadas em plataformas virtuais oficiais; quanto aos documentos escolares, estes foram acessados através da colaboração dos participantes da pesquisa que compartilharam conosco.

Reunimos as transcrições das entrevistas no Excel, para posteriormente, trabalharmos com os dados no *software* Maxqda. Assim também fizemos com as notas de campo. As análises de todos os dados da pesquisa foram feitas a partir do *software* Maxqda, com a organização e triangulação das fontes de pesquisa. Inclusive, as demais produções foram demandas do campo de pesquisa.

Para além das entrevistas, foram produzidas em campo: fotografias, vídeos e desenhos infantis, fontes relacionadas principalmente aos cotidianos das crianças, participantes da pesquisa, conforme demonstrado na figura a seguir.

**Figura 4:** Etapas da Pesquisa de Campo com as crianças



*Fonte:* Acervo da pesquisadora, materiais produzidos em atividades realizadas em campo.

Essas etapas foram realizadas nas seis escolas rurais que fazem parte da pesquisa. Ficamos envolvidos no campo de pesquisa por 45 dias, sendo que 35 dias compreenderam os meses de março e abril de 2022. Os outros dez dias ocorreram no início do mês de outubro de 2022.

A codificação é um desafio. Conforme Gibbs (2009, p. 63) explica, “uma das coisas mais desafiadoras [...] é identificar partes de texto e estabelecer quais códigos eles representam de forma teórica e analítica e não apenas descritiva”. O autor adentra na perspectiva das artes visuais e destaca a expressão “olhar intenso”, no que se refere à forma com que olhamos com atenção, mesmo quando olhamos para lugares-comuns e cotidianos. Nesta ótica, o autor destaca que “da mesma forma, é preciso realizar uma ‘leitura intensa’ ao codificar” (Gibbs, 2009, p. 63).

Nesta perspectiva de desafio, também destacamos a necessidade de subsídios tecnológicos para o fazer da pesquisa. A exemplo, a utilização do celular e do *notebook*, na produção e manipulação das fontes de áudio e vídeo nos exigiu memória interna dos aparelhos, assim como memória externa adicional, para a qual optamos pela nuvem através do OneDrive<sup>4</sup> e Dropbox<sup>5</sup>. Essas nuvens serviram para alocar as fontes de pesquisas diversas que necessitam de muito espaço, afinal, trabalhamos com vídeos, áudios e fotografias.

## Considerações finais

Destacamos a relevância das Entrevistas Semiestruturadas como ferramenta metodológica na Pesquisa Qualitativa em Educação, enfatizando seu potencial para revelar as narrativas e experiências dos atores sociais no contexto das escolas rurais amazônicas. A pesquisa, realizada entre 2019 e 2024, combinou pesquisa bibliográfica e de campo, utilizando o *software* Maxqda para a análise dos dados. A coleta de dados, realizada em duas etapas (*online* e presencial), permitiu a participação de 54 indivíduos de diferentes grupos ligados às escolas rurais, proporcionando uma compreensão abrangente e dialógica do fenômeno investigado.

Os resultados da pesquisa evidenciaram a importância da Entrevista Semiestruturada como instrumento de coleta de dados qualitativos, capaz de captar a riqueza e a complexidade das experiências dos participantes. A flexibilidade e a abertura ao diálogo, características desse tipo de entrevista, possibilitaram a construção de um conhecimento situado e contextualizado, que valoriza as vozes e as perspectivas dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Além disso, o estudo demonstrou os desafios e as possibilidades da elaboração e aplicação de roteiros de Entrevistas Semiestruturadas, destacando a importância da imersão no campo de pesquisa, da escuta sensível e do diálogo com os participantes. A utilização de recursos tecnológicos, como o *software* Maxqda e a plataforma Microsoft Teams, também se mostrou fundamental para a sistematização e análise dos dados, especialmente no contexto da pandemia de COVID-19.

Em síntese, a pesquisa contribuiu para a compreensão da Entrevista Semiestruturada como um instrumento valioso para a Pesquisa Qualitativa em Educação, capaz de revelar a complexidade e a riqueza das experiências dos atores sociais no contexto escolar. Os resultados do estudo podem subsidiar futuras pesquisas e práticas pedagógicas que valorizem a escuta, o diálogo e a participação dos sujeitos na construção do conhecimento.

## Referências

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ANA, W.; LEMOS, G. Metodologia científica: a Pesquisa Qualitativa nas visões de Lüdke e André. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, [S.l.], v. 4, n. 12, p. 531-541, 30 nov. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.21920/recei72018412531541>. Acesso em: 14 fev. 2024.

BARROS, J. A.; FERREIRA, N. V. C. Educação rural: ações pedagógicas e infâncias. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 10, p. e020046, 2020c. DOI: <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2020v10n0ID1265>. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1265>. Acesso em: 25 maio. 2024.

BARROS, J. D'A. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis: Vozes, 2005.

- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BOFF, L. **A águia e a galinha**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- DELGADO, L. de A. N. **História Oral e narrativa: tempo, memórias e identidades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Bahia, p. 139-152, 08 maio 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/MmkPXF5fCnqVP9MX75q6Rrd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 abr. 2024.
- FREITAS, M. T.; SOUZA, S. J. KRAMER, S. **Ciências Humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2007.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 64-89.
- GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2017.
- LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: PUC, 1996.
- MATIAS, J. C.; NUNES, M. J. de O.; SILVA, A. L. da; BARROS, J. A. Perspectivas metodológicas e os bordados na Pesquisa Qualitativa em Educação. **EDUCA – Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 6, n. 13, p. 128-145, 30 mar. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.26568/2359-2087.2019.3721>. Acesso em: 29 maio 2024.
- MARTINS, D. **Entrevistas como método de coleta de dados na pesquisa científica**. 2022. Revisado por Fernanda Arantes. Disponível em: <https://lapei.face.ufg.br/p/43151-15-entrevistas-como-metodo-de-coleta-de-dados-na-pesquisa-cientifica>. Acesso em: 10 abril 2023.
- MAXQDA: **Qualitative data analysis Software**, 2020. Disponível em: <https://www.maxqda.com>. Acesso em: 29 maio 2023.
- MILLS, W. C. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- NOSELLA, P.; BUFFA, E. **Instituições escolares: por que e como pesquisar**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2013.
- SILVA, A. L. da. **Infâncias da terra: história, memórias e suas repercussões na prática docente em escolas rurais de Ariquemes – RO**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2019. Disponível em: [https://mepe.unir.br/uploads/91341742/arquivos/DISSERTA\\_O\\_ANDRESSA\\_14097609\\_5\\_4.pdf](https://mepe.unir.br/uploads/91341742/arquivos/DISSERTA_O_ANDRESSA_14097609_5_4.pdf). Acesso em: 30 mar. 2024.

## ‘Notas de fim’

- 1    O Maxqda é um software acadêmico para análise de dados qualitativos e métodos mistos de pesquisa e está disponível para sistemas operacionais Windows e Mac. Disponível em: <https://www.maxqda.com/pt/software-analise-qualitativa>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- 2    Novamente enfatizamos que a COVID-19 é a doença causada por um novo coronavírus denominado SARS-CoV-2. A Organização Mundial da Saúde (OMS) tomou conhecimento deste novo vírus em 31 de dezembro de 2019, após receber a notificação de um grupo de casos de “pneumonia viral” em Wuhan, na República Popular da China (OPAS/OMS Brasil, 2020).
- 3    . O Microsoft Teams é um aplicativo de colaboração criado para trabalho on-line ou híbrido e proporciona a conexão e interação entre pessoas ou equipes. Fornece possibilidade de gravação de vídeo e transcrição do que é dito na reunião.
- 4    . É o serviço de nuvem da Microsoft.
- 5    . Oferece várias opções de armazenamento em nuvem.